

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

YASMIN RIBEIRO BERNARDES

A HOMOSSEXUALIDADE COMO ANTÍTESE AO
CONSERVADORISMO CRISTÃO

GOIÂNIA/GO

2014

YASMIN RIBEIRO BERNARDES

A HOMOSSEXUALIDADE COMO ANTÍTESE AO
CONSERVADORISMO

Trabalho de Conclusão do Ensino Médio apresentado à banca de professores do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação como requisito parcial para obtenção do Certificado de Conclusão do Ensino Médio sob a orientação do prof. Ms. Fabrício David de Queiroz.

GOIÂNIA/GO

2014



Universidade Federal de Goiás

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Coordenação do Ensino Médio

Certidão de Apresentação e Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso

Goiânia, 28 de Novembro de 2014.

Certifica-se que a Aluna YASMIN RIBEIRO BERNARDES, matrícula 140095, série 3º Ano B do Ensino Médio, apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso: A HOMOSSEXUALIDADE COMO ANTÍTESE AO CONSERVADORISMO CRISTÃO, sendo este avaliado pelos Docentes:

1. Fabrício David de Queiroz (Orientador)
2. Evandson Paiva Ferreira
3. Gabriel Adams Castelo Branco Aragão
4. Maria Aparecida Daniel da Silva (SUPLENTE)

conferindo-lhe sua _____ com conceito final _____.

Assinatura dos membros da Banca Avaliadora.

Orientador

Banca Avaliadora

Banca Avaliadora



Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio

**Comprovante de Frequência e Desenvolvimento do
Trabalho de Conclusão de Curso**

Goiânia, 28 de Novembro de 2014.

Eu Fabrício David de Queiroz, docente do Departamento Filosofia, através deste documento, comprovo que a aluna YASMIN RIBEIRO BERNARDES, matrícula 140095, série 3º Ano B do Ensino Médio, desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso perfazendo um total de 90% da frequência necessária, computada como: atividades de orientação, pesquisa, redação e estudos individuais pertinentes ao projeto no qual se vincula.

YASMIN RIBEIRO BERNARDES
140095

FABRÍCIO DAVID DE QUEIROZ
2077520

RESUMO

O presente artigo pretende abordar o tema da homossexualidade e do conservadorismo em suas relações conflituosas. A temática remete-se a uma discussão atual e persistente, haja vista que, em toda parte, é possível constatar a violência física e moral sofrida pelos homossexuais em nossa sociedade. Suspeitamos que homofobia seja fortalecida por uma concepção machista, por questões ligadas à religião cristã e a uma construção histórica envolvendo a *dominação masculina*, segundo Bourdieu (2002). Adotamos como metodologia a pesquisa teórica de autores como Judith Butler (2003) e Pierre Bourdieu, investiga-se, portanto, os conceitos de homofobia, machismo e conservadorismo. Com base nesse panorama o que se discute é a aversão ao homossexual fundamentada no conservadorismo que vem de uma cultura androcêntrica. Para Pierre Bourdieu, a suposição de uma cultura androcêntrica é perpetuada pela história. O foco da sua crítica são as instituições que compõem a visão de família patriarcal e de liderança paterna, como a igreja, a escola, o Estado e a família. Para ele, essas instituições se entrelaçam e se confirmam em seu trabalho de construção de gênero, o que nos leva a problematizar o conservadorismo na atualidade da sociedade contemporânea. Portanto, ao analisar o papel da religião no fortalecimento do machismo, examinando historicamente a constituição patriarcal da família, é possível verificar a conservação de valores androcêntricos em nossa sociedade, e, por sua vez, apresentar a violência simbólica a partir da religião como causadora das demais violências contra os homossexuais.

Palavras chave: Homossexualidade. Conservadorismo. Violência.

ABSTRACT

This article seeks to address the issue of homosexuality and conservatism in their conflictual relations. The theme refers to a current and persistent discussion, given that everywhere it is possible to observe the physical and moral violence suffered by homosexuals in our society. We suspect that homophobia is strengthened by a sexist conception, for issues related to the Christian religion and the historical construction involving male domination, according to Bourdieu (2002). Therefore adopted as a methodology theoretical research of authors such as Judith Butler (2003) and Pierre Bourdieu, this final paper investigates the concepts of homophobia, sexism and conservatism. Based on this perspective what is being discussed is the aversion grounded in conservatism that comes from an androcentric culture homosexual. According to Pierre Bourdieu, the assumption of an androcentric culture is perpetuated by history. The focuses of Bourdieu's are the institutions that compose the vision of the patriarchal family and paternal leadership as the church, the school, the state and the family. To him, these institutions intertwine and confirm their work in building gender, which leads us to question the conservatism in today's contemporary society. Therefore, when analyzing the role of religion in strengthening the machismo historically examining the patriarchal family formation, it is possible to verify the conservation of androcentric values in our society, and in turn, present the symbolic violence from the religion as a cause of violence against homosexuals.

Keywords: Homosexuality. Conservatism. Violence.

INTRODUÇÃO

Nos primórdios do surgimento da civilização não existia divisão sexual específica, tão pouco a expressão homossexualidade, entretanto, ao longo da história, as diferenças de gênero se desenvolveram ao ponto de ser condenado por líderes religiosos cristãos quem se relacionava afetivamente ou tinha interesse com pessoas do mesmo sexo, sofrendo estas punições que eram comuns na sociedade medieval, uma vez que a homossexualidade era considerada pela Igreja cristã um pecado grave, portanto, sujeito à morte violenta e à tortura aqueles que a praticassem. A doutrina cristã considera o pecado da sodomia¹ uma anomalia, pois a prática sexual tem por única finalidade a procriação. Com isso, teremos uma abordagem da homossexualidade em um contexto histórico para demonstrar como se consolidou uma concepção machista a partir do desenvolvimento das diferenças de gênero promovidas pela doutrina cristã medieval.

A relação homossexual representa a diversidade humana nos dias atuais. Em comparação à antigamente, onde as relações de gêneros, sociais, étnicas e raciais eram uniformes, como por exemplo: as relações de pessoas de famílias nobres só poderiam ser com outras pessoas de famílias nobres; pessoas brancas apenas se relacionariam com outras pessoas brancas, etc. “Haveria no Brasil contemporâneo um processo de tentativa de colonização do campo político, movimento que é protagonizado por algumas forças religiosas moralmente conservadoras.” (QUADROS, 2013, p.12).

Enquanto preconceito a homofobia assume características específicas, por exemplo, no contexto familiar, os pais ao notarem a orientação sexual diferente das deles, isto é, homoafetiva, de seu filho ou filha, se encontram aflitos e amargurados, o que indica que:

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. (BOURDIEU, 2002, p. 51)

¹Cf. o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, “s.f. Relação sexual anal entre pessoas do sexo masculino ou entre um homem e uma mulher.” (2011, p.1276)

Além disso, a tentativa da instalação de uma *heteronormatividade* (WARNER, 1991) permite entender que a homofobia supera os limites dos preconceitos em relação à homossexualidade e tenta também sustentar o controle do papel de gênero, através da ideologia do sexismo². Nesse parâmetro, queremos compreender a causa da discriminação relacionando ao conservadorismo social e compreendendo a prática da discriminação física e psicológica.

CONCEPÇÃO MACHISTA A PARTIR DA RELIGIÃO

A humanidade traz, desde os seus primórdios, indícios de exploração entre os indivíduos, ocasionando relações de gênero desiguais, sociais e afetivas, através de mecanismos de poder e submissão que nos chamam a atenção para a desvalorização do papel da mulher. Para fins desse trabalho, observaremos como a religião cristã influi na solidificação de uma sociedade patriarcal, percebendo que fazemos parte de um ensino baseado na desigualdade de gêneros. Compreende-se por patriarcado:

O patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. (2006, NARVAZ; KOLLER, p.50)

A desigualdade entre homens e mulheres desdobra-se do patriarcado e atinge o seu auge nas várias formas de violência contra a mulher na atualidade, esta desigualdade é criada por alguns mitos do cristianismo, por conseguinte, solidificados pelas Sagradas Escrituras ao longo do tempo. A mitologia cristã esclarece bem essa construção. Basta prestarmos atenção a alguns parágrafos sobre essa história de desigualdade entre homem e mulher do primeiro livro da Bíblia, no Gênesis, que nos ajuda a entender como foi criada essa divisão de gênero de forma desproporcional que, em nossa opinião, perpassa a relação de poder do homem pela mulher e resulta na coibição e na violência contra a mulher e

²sm. Atitude ou comportamento que envolva preconceito ou discriminação sexual: Há sexismo em certas manifestações do machismo e do feminismo. (2011, p.1259)

homossexuais nos dias atuais. Segundo o livro do Gênesis³, depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem com a função de lhe fazer companhia. A serpente, com segundas intenções, convence a mulher que o fruto proibido é saboroso e quem comer se tornará Deus. A mulher, não resistindo à tentação, pegou o fruto e o comeu; depois também o deu a seu marido que também comeu. O criador ao perceber que seus filhos infringiram as regras os castigou; a mulher, ele chamou de Eva, que recebeu a punição de sofrer dores em sua gravidez e ser submissa ao domínio do marido. O homem, ele chamou de Adão, também o castigou atribuindo a aprendizagem de conseguir alimento com o suor de seu rosto, e deste tirar o sustento para sua mulher e filhos.

Com isso, Eva ficou conhecida como a culpada de ter provocado a expulsão do paraíso e Adão ficou como o responsável de explorar e dominar a natureza, inclusive, Eva. Sendo que ela causou muitos incômodos à humanidade e deve permanecer sob controle. Esses três capítulos de Gênesis reforçaram, e no momento ainda reforçam, uma cultura androcêntrica e patriarcal, por sustentar a origem da civilização, narrada através da religião cristã. A mitologia cristã é transpassada através da família de geração em geração, sendo responsável por fortificar a relação de poder e dividir os papéis de gênero, transformando as relações em disputa de poder.

É muito importante uma das análises da pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo, a que nos apontam duas instituições com maior evidência como propagadoras da homofobia, que são a escola e a família. Santiago nos traz a seguinte afirmação:

Quando pensamos a difusão de representações homofóbicas, a igreja é a primeira instituição que nos costuma vir à mente, pois há razões de sobra para isso. No entanto, entre as diversas instituições, um dos locus privilegiados de (re)produção e disseminação e, ao mesmo tempo, de enfrentamento e desestabilização da homofobia é a escola ... A pesquisa da FPA mostra que a família e a escola figuram como os piores espaços de discriminação homofóbica ... São dados que reiteram outras pesquisas realizadas em diversas capitais brasileiras durante a parada LGBT, nas quais família e escola se revezam como o primeiro e o segundo pior espaço de discriminação homofóbica. (SANTIAGO *apud* PRADO; JUNQUEIRA, in VENTURI; BOKANY, 2013).

³. O texto escrito foi baseado nos livros de Gênesis capítulos de 1 a 3 da Bíblia Sagrada, edição Pastoral, 1990.

A homofobia faz com que a comunidade LGBT tenha uma porcentagem grande em abandono escolar, depressão, além de contrair o vírus HIV/AIDS, automutilação etc. Em uma sociedade homofóbica torna-se fundamental torna-se claro que nenhum indivíduo se designa pela sua orientação sexual, tendo em vista que, a questão fundamental na qual se baseia todo ser humano, é a liberdade.

Podemos perceber o fenômeno de conservação dos parâmetros da mitologia cristã acerca da relação de gênero na constatação de Linda Woodhead:

Na segunda metade do século XX, o cristianismo, o judaísmo e o islamismo conheceram profundas evoluções que visavam firmar ainda mais suas identidades na defesa de uma divisão **tradicional** dos papéis entre homens e mulheres, fundados na supremacia do chefe de família e na vocação doméstica da mulher. (2006, p.8, grifo da autora).

Compreendemos então machismo como uma prepotência de supor que homens estão em um patamar acima em relação às mulheres. Deste modo, estamos em condição de abordar o problema do conservadorismo como caminho qual o machismo chega à nossa sociedade contemporânea resultando na homofobia e nas suas diversas manifestações de violência contra o homossexual.

O CONSERVADORISMO E A RELIGIÃO CRISTÃ

O Conservadorismo reconhece no poder político um aspecto importante e necessário para a nossa sociedade, como se fosse a base do nosso campo social, sem essa estrutura cairíamos em uma anarquia. A doutrina conservadora se contrapõe ao progressismo, em vista dos costumes tradicionais, sendo assim, determinando as crenças e usos de uma sociedade. Com isso, Boobio vem nos confirmar que:

[...] o Conservadorismo muitas vezes erige em tabu intangível, como instrumento primário de estabilização dos processos sociais. Na defesa do poder político, condição indispensável à convivência social que é necessário controlar, mas não destruir, o Conservadorismo encontrou meio de reagir ao contínuo e rápido avanço do progressismo. (BOOBIO, 1998, p.245)

O Conservadorismo parte de um campo político que contribuí para a pregação de discriminação e ódio no campo religioso. Assistimos todos os dias

práticas de várias formas de violência, como por exemplo: violência contra a mulher, ataques a mendigos de rua, contra idosos, negros, homossexuais, entre outros. A violência é enraizada e alimentada em nossa sociedade através dos meios midiáticos que atende aos interesses dela. Com isso, presenciamos também violência no campo religioso, onde líderes religiosos diariamente abordam sermões carregados de preconceito em práticas repressivas, nas proibições prepotentes, nas censuras, nos discursos de ódio e discriminação etc. Sandra de Oliveira vem nos comprovar que:

O que vem ocorrendo, em pleno século XXI, mostra que a religião ainda pode ser causa de violências e de conflitos. Quando o discurso religioso se refere à ética da mesma, “esbarra muitas vezes na dinâmica concreta e histórica de agressões, fanatismos, ódios e hostilidades inter-religiosas” em que na maioria das vezes “as posturas de intransigência e exclusão apoiam-se em sentimentos arraigados de superioridade, arrogância, identitária e pretensão exclusiva de verdade, que impossibilitam qualquer exercício de fraternidade recíproco” (OLIVEIRA, 2011, p.536)

Em vista disso, a violência está impregnada no seio da sociedade em seus aspectos social, político e econômico. A moral judaico-cristã adota o sentido da heteronormatividade imposto às relações homoafetivas, especialmente porque a heterossexualidade passará a ser a única admitida e vista como natural e, portanto normal.

No Brasil, práticas homofóbicas se prolongam a discursos praticados por líderes religiosos, que fazem propaganda midiática e sensacionalista aos seus discursos preconceituosos, semelhantes a situações horrendas de grupos organizados.

[...] podemos pensar a atuação homofóbica dos Skinheads, enquanto sujeitos que compartilham de valores machistas, pautados na crença da dominação masculina como motivos subjetivos que orientaram suas práticas e que, aliados a atitudes fascistas, geram violências sociais graves que produzem clima de medo, revolta social, pedidos por punição e descrença no Estado e nos valores democráticos. (2013, FRANÇA, p.74)

O resultado de uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo mostrou uma denúncia preocupante: o aumento da violência contra homossexuais. Vejamos

comentários⁴ de alguns dos integrantes do grupo denominado 'carecas', vulgo *Skinheads*⁵:

Skinhead 1

Esses caras acabam com a família, acabam com os valores. E sem tirar que eles tão começando a acabar com a raça humana. Essa raça é uma raça do demônio. Deus criou o homem e a mulher e não o homossexual.'

Skinhead 2

'Porque é a lei de Deus, cara. Não nasceu Adão e Ivo não, nasceu Adão e Eva.

Skinhead 3

É droga, tá ligado?! Os cara pega seu filho de 12 anos e leva pro homossexualismo, chega lá e leva pra lá, praquelas baladas gay, é droga. É só coisa, é só sacanagem. Tem nenhuma coisa que presta não. Até hoje não vi nenhuma coisa que presta vindo dos (sic) homossexual não.

Considerando que, os *Skinheads* possuem e exercem uma ideologia neonazista onde colocam o próximo como inferior a eles, podemos destacar um aspecto relevante que é a exacerbação da masculinidade, próprios da dominação masculina.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Pierre Bourdieu refere-se ao fato da “dominação masculina”, primeiramente a partir de um aspecto simbólico. Para ele, a dominação masculina se tornaria uma maneira de violência simbólica. Ele compreende o poder que estabelece o significado, o colocando como verdadeiro, de forma a manipular as relações de força que sustentam o próprio poder. Bourdieu quis dizer que é exatamente a hipocrisia de um poder que se disfarça nas relações, que se introduz no nosso pensamento e na nossa expectativa de mundo; a biologia e o corpo seriam lugares onde as diferenças entre gêneros, nos mostra a ideia de que a dominação masculina seria natural. Essa

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pPgWZh48SVk>. Acessado em 21 de Novembro de 2014.

⁵ A palavra *skinhead* é usada quase exclusivamente para se referir a indivíduos fascistas ou que pertencem a grupos neonazistas, apesar de nem todos os *skinheads* seguirem essas doutrinas.

concepção nos recorda a Judith Butler, que pertence ao grupo das feministas contemporâneas que propõe a suspensão da ideia de gêneros.

Certamente que o tema “gênero”, é o foco central da obra de Butler, mas, com um olhar mais atento, podemos analisar que, a questão da orientação sexual, é um problema do campo político e, o mais difícil, é também um problema ontológico. O feminismo contemporâneo de Judith Butler, de todos que surgiram até agora, é o que mais levou a sério a capacidade de críticas, do próprio grupo feminista.

E ainda que se perceba a relevância das construções culturais e sociais na formação do mundo e dos indivíduos, todas as ideias de esclarecer à maneira de agir e de reagir de cada indivíduo aparentam tão naturais, mas não são bem reproduzidas: o gênero, o corpo, as diferenças entre homens e mulheres etc. A filósofa Judith Butler traz ao campo social a biologia. De acordo com a autora, em nossa sociedade nos deparamos com uma “heterossexualidade compulsória” que requer uma concordância do sexo, um gênero e uma prática de desejo que venham a ser necessariamente heterossexuais. Por exemplo: a criança está na barriga da mãe; se ao nascer *tiver* o órgão genital feminino, será considerada uma mulher, e obrigatoriamente se criará um conjunto de expectativas para aquele corpo que será constituído como ‘mulher’, e deverá adotar um comportamento considerado feminino, além disso, se relacionar com o sexo oposto de sua natureza biológica.

Para terminar com essa heterossexualidade obrigatória que se propende a uma ideia de reprodução, ela destaca a desconstrução dessa ordem, desfazendo essa obrigatoriedade entre gênero, sexo e atração. Assim, para ela cabe a legalidade dessa ordem. “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, defende Butler (2010, p. 25). Nesse aspecto, o papel de gênero seria ocasionar uma falsa ideia de equilíbrio, em que a origem heterossexual estaria estabelecida a apenas dois sexos coerentes, uma estrutura de determinação binária: homem e mulher, homossexual x heterossexual, ativo/passivo etc.

O que Butler quer nos dizer é, que a desconstrução de identidades preestabelecidas sirva como ataque para contestar o conservadorismo que cria as desigualdades entre os corpos. Isto é, o limite entre o binarismo,

heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, o sexo e o gênero é perturbador.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, foi possível entender melhor o grau de ineficácia do que pode ser chamado de igualdade entre as relações humanas. A Igreja, a política, a escola, a mídia e a sociedade se encontram numa trama de relações de poder voltada ao fortalecimento da aversão aos homossexuais – a homofobia. É intrigante como nenhum assunto incomoda mais do que a sexualidade de cada um, o que faz com ela seja orientada. As pessoas não querem saber se o vizinho é divorciado ou não; se um amigo foi à missa, ou qual a religião a que ele pertence. O que realmente importa é se ele se encaixa no padrão heteronormativo ou não.

A partir da discussão apresentada por Pierre Bordieu sobre a dominação do “masculino” sobre o “feminino”, observamos que a distinção de sexos não é necessária, ela se explica através das diferenças biológicas, a dominação ganhar outros traços e poderia vir a se tornar uma violência simbólica. Por sua vez, essa forma de violência pode chegar a um patamar tão elevado que ocasionaria a violência física, a exemplo da praticada pelos *Skinheads*.

Podemos perceber a partir disso que, o comportamento de gênero é uma construção social, que é influenciada pelas regras, crenças e padrões da sociedade, distinguindo-se o homem da mulher não apenas biologicamente, mas principalmente em seus papéis na sociedade, muitas vezes em posições opostas nas relações de poder.

Padrões de ética sexual têm sua importância em qualquer região do planeta, segundo o contexto em que ela é aplicada. A Bíblia da religião cristã tem uma determinada concepção de mundo e a islâmica outra, ou seja, não podemos apontar este ou aquele como padrão de comportamento. Justamente por essa constatação, reforçamos a indicação de Judith Butler, para quem se faz necessário desconstruir essa perspectiva de gênero e criar um novo olhar sobre esse binarismo.

Por fim, confirmamos nossa hipótese de que uma sociedade androcêntrica, onde há uma valorização do poder masculino, sendo a identidade masculina construída ao recusar o feminino e repudiar a homossexualidade, se mostra em curso contrário ao desenvolvimento histórico da humanidade que segue no sentido construção de relações diversificadas e plurais.

É necessário prestarmos atenção para os motivos que contribuem e alimentam a homofobia, e o contexto no qual essa aversão pode ser estimulada. Esses esforços requerem a implantação de novas propostas políticas que promovam a cultura dos Direitos Humanos a partir de uma lógica inovadora, sendo ela definitivamente emancipatória, que visem o apoio a ideias anticonformistas, estimulando inquietações, desconstruindo doutrinas e nos atentar a possíveis opressões que o próprio confronto possa causar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. 2ªed. Rio de Janeiro: editora BertrND Ltda. 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

FOUCAULT, M. *A vontade de Saber – história da sexualidade*. 13º ed. Rio de Janeiro: editora GRAAL Ltda. 1999.

WOODHEAD, Linda – *As diferenças de gênero na prática e no significado da religião*. Araraquara. v.18 n.34 p.77-100 jan.-jun. 2013.

QUADROS, Marcos Paulo – *O conservadorismo católico na política brasileira*. Porto Alegre-RS: v.18 n.34 p.193-208 jan-jun. 2003.

OLIVEIRA, Sandra de – *A prática da violência no campo religioso brasileiro*.

FRANÇA, Carlos Eduardo – *A violência dos grupos skinheads e a questão da segurança pública: a Instituição Policial e o combate aos crimes de intolerância 2001-2011*. Marília, 2013.

JUNQUEIRA, Roberto Diniz – *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena – *Famílias e patriarcado: Da*

prescrição normativa à subversão criativa. Rio Grande do Sul: Psicologia & Sociedade; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

SILVA, Antonio Ozaí – *O Pensamento Conservador*. Nº 107. Revista Espaço Acadêmico, Abril de 2010.